

Fórum Econômico Mundial

Relatório de Riscos Globais 2018 - Resumo Executivo

O Relatório de Riscos Globais do ano passado foi publicado em um período de elevada incerteza global e de grande insatisfação popular com a ordem política e econômica imperante. O relatório clamou por “reformas fundamentais do capitalismo de mercado” e uma reconstrução da solidariedade entre os países. Após um ano, a recuperação econômica global está em andamento oferecendo novas oportunidades para o progresso que não devem ser desperdiçadas: a urgência de enfrentar os desafios sistêmicos se intensificou entre a proliferação de indícios de incertezas, de instabilidade e de fragilidade.

A humanidade se tornou notavelmente adepta ao entendimento de como mitigar riscos convencionais que podem ser facilmente isolados e administrados com abordagens padrão de gerenciamento de riscos. Mas, somos muito menos competentes quando se trata de lidar com riscos complexos em sistemas interligados que sustentam nosso mundo, tais como organizações, economias, sociedades e o meio ambiente. Existem sinais de tensão em muitos desses sistemas: nosso passo acelerado de cambio está testando as capacidades de absorção de instituições, comunidades e indivíduos. Quando o risco tem efeito cascata em um sistema complexo, o perigo não é de dano incremental, mas de um “colapso desenfreado” ou de uma transição abrupta para um status quo mais precário.

Na nossa Pesquisa de Percepção de Riscos Globais anual, os riscos ambientais tiveram um crescimento proeminente nos últimos anos. Essa tendência se voltou a confirmar neste ano, com todos os cinco riscos da categoria ambiental sendo classificados acima da média para probabilidade e impacto nos próximos 10 anos. Esse fato se segue a um ano caracterizado por furacões de grande impacto, temperaturas extremas e o primeiro aumento de emissões de CO₂ em quatro anos. Temos levado nosso planeta ao limite e os danos estão cada vez mais evidentes. A biodiversidade está sendo perdida em taxas de extinção em massa, os sistemas agrícolas estão sob tensão e a poluição

do ar e do mar se tornaram uma ameaça cada vez mais premente à saúde humana. Uma tendência em direção ao unilateralismo do Estado-nação poderá deixar mais difícil de sustentar, no longo prazo, as respostas multilaterais que são necessárias para enfrentar o aquecimento global e a degradação do meio ambiente em nível global.

Os riscos da cibersegurança também estão aumentando, tanto em sua prevalência quanto em seu potencial disruptivo. Ataques contra empresas quase que dobraram em cinco anos, e incidentes que antes seriam considerados excepcionais estão se tornando cada vez mais comuns. O impacto financeiro de falhas na cibersegurança está crescendo e alguns dos maiores custos de 2017 estão relacionados com ataques pedindo resgate, que representaram 64% de todos os e-mails mal-intencionados. Exemplos notáveis incluem o ataque WannaCry – que afetou 300 mil computadores em 150 países – e NotPetya, que causou perdas trimestrais de US\$ 300 milhões para uma série de empresas afetadas. Outra tendência crescente é o uso de ciberataques para atingir infraestrutura crítica e setores estratégicos industriais, suscitando receios de que, no pior cenário, os atacantes possam desencadear uma quebra nos sistemas que mantêm as sociedades funcionando.

Os principais indicadores econômicos sugerem que o mundo está, finalmente, entrando nos eixos após a erupção da crise financeira 10 anos atrás, mas essa imagem positiva esconde preocupações subjacentes. A economia global enfrenta uma mistura de vulnerabilidades de longa data e de novas ameaças que têm emergido ou se desenvolveram nos anos após a crise. Os riscos conhecidos incluem preços de ativos potencialmente insustentáveis, com o mundo há oito anos em um cenário de aumento de cotações; aumento de endividamento, particularmente na China; e tensões contínuas no sistema financeiro global. Entre os novos desafios estão o poder de fogo limitado da política em caso de uma nova crise; a ruptura causada pela intensificação de padrões de automação e digitalização; e um acúmulo de pressões mercantilistas e protecionistas em um cenário crescente de políticas nacionalistas e populistas.

O mundo se moveu para uma nova e inquietante fase geopolítica. As abordagens multilaterais baseadas em regras estão desgastadas. Restabelecer o Estado como o locus primário de poder e legitimidade tem se tornado uma estratégia cada vez mais atrativa para muitos países, mas que deixa muitos Estados menores espremidos quando as mudanças geopolíticas acontecem. Atualmente, não há sinais que existam normas e instituições para as quais as maiores potências mundiais possam convergir. Isso cria novos riscos e incertezas: aumento das tensões militares, rupturas econômicas e comerciais e ciclos de retroalimentação desestabilizadores entre a mudança

das condições globais e as condições políticas internas dos países. As relações internacionais, atualmente, se desenvolvem de formas cada vez mais diversas. Além dos reforços militares convencionais, incluem novas fontes cibernéticas de potência coercitiva e de poder suave, vínculos de comércio e investimento reconfigurados, conflitos por procuração, mudança da dinâmica de alianças e potenciais focos de conflitos relacionados aos bens comuns globais. Avaliar e mitigar os riscos em todas essas áreas de potencial conflito exigirá dos agentes estatais e não estatais uma análise cuidadosa do futuro e uma antecipação de crise.

O Relatório de Riscos Globais deste ano introduz três novas séries: Choques Futuros, Retrospectiva e Reavaliação de Riscos. Nosso objetivo é ampliar o alcance analítico do relatório: cada um desses elementos fornece uma nova lente para ver o cada vez mais complexo mundo de riscos globais.

- Choques futuros é uma advertência contra a complacência e um lembrete de que os riscos podem se solidificar em uma velocidade desorientadora. Em um mundo de sistemas complexos e interconectados, ciclos de retroalimentação, efeitos de limiar e rupturas acumuladas podem levar a rupturas repentinas e dramáticas. Apresentamos 10 dessas potenciais rupturas – que vão de colapsos democráticos aos ciberconflitos aumentando em espiral – não como previsões, mas como estímulo à reflexão: quais são os choques que poderiam, fundamentalmente, virar o seu mundo?
- Em Retrospectiva, analisamos os riscos examinados em edições anteriores do Relatório de Riscos Globais, rastreando a evolução dos riscos e as respostas globais a eles. Revisitar nossos relatórios anteriores nos permite avaliar os esforços de mitigação de riscos e destacar os riscos persistentes, que podem justificar uma atenção crescente. Neste ano, focalizamos na resistência antimicrobiana, no desemprego juvenil e em “incêndios digitais”, que é como nos referimos em 2013 aos fenômenos que têm uma estreita semelhança com o que agora é conhecido como “notícias falsas”.
- Em Reavaliação de Riscos, especialistas selecionados compartilham suas ideias sobre as implicações dos tomadores de decisão em empresas, governos e sociedade civil para o desenvolvimento do nosso entendimento sobre o risco. No Relatório deste ano, Roland Kupers escreve sobre promover a resiliência em sistemas complexos, enquanto Michele Wucker pede que as organizações prestem mais atenção ao viés cognitivo em seus processos de gerenciamento de riscos.